ISSN: 2358-8829

TURISMO CULTURAL E CONSCIENCIA HISTÓRICA: EXPERIENCIAS DE VIAGEM COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Michele Marconcini dos Santos Pavão [1]

INTRODUÇÃO

O contato com espaços históricos pode suscitar perguntas que ultrapassam a identificação de datas, personagens e estilos arquitetônicos. Ao visitar uma cidade, o sujeito encontra construções preservadas, usos cotidianos e interpretações públicas do passado. A experiência permite perguntar quem produziu esses espaços, como foram transformados e quais sentidos lhes são atribuídos no presente. Entretanto, a visita, por si só, não assegura a compreensão histórica: a observação precisa ser acompanhada de contextualização e análise.

Este artigo parte de experiências de viagem da autora, estudante de História, em Sevilha e seu entorno, na Espanha, e em diferentes regiões do Marrocos. O percurso espanhol incluiu o Alcázar, a Catedral, a Praça de Espanha e o conjunto arqueológico de Itálica. No Marrocos, o roteiro abrangeu Marrakech, Fez, Rabat e Casablanca, além do deslocamento de van pelo Alto Atlas e por Aït Ben Haddou e pelas Gargantas do Todgha até Erg Chebbi, no Saara. A vivência nesse país ocorreu durante o Ramadã e envolveu tanto o interesse pelo patrimônio quanto a atenção às interações sociais nos espaços percorridos.

A questão orientadora é: de que maneira experiências de viagem a espaços históricos e culturais podem ser mobilizadas como recursos de formação e como ponto de partida para propostas no ensino de História? O objetivo geral consiste em refletir sobre esse potencial, considerando os limites do olhar turístico. Especificamente, busca-se discutir a leitura histórica dos lugares visitados, examinar o estranhamento cultural presente no relato e propor possibilidades educativas que possam ser desenvolvidas também em contextos locais.

[1] Graduanda do Curso de História da UNICESUMA, michelepavao@gmail.com

ISSN: 2358-8829

A contribuição pretendida situa-se na reflexão sobre a formação de uma estudante de História. Não se trata de demonstrar a eficácia de uma metodologia aplicada a uma turma. O artigo examina como as experiências pessoais podem ser retomadas criticamente e transformadas em problemas de estudo. Por essa razão, os desdobramentos didáticos são apresentados como propostas, cuja implementação e avaliação dependeriam de pesquisa posterior.

O texto mantém o tema do resumo apresentado ao CONEDU e delimita seu alcance. A expressão estratégia pedagógica, presente no título, designa aqui uma possibilidade de mediação a ser planejada, e não uma intervenção já realizada. Essa distinção permite relacionar a experiência de viagem ao ensino sem atribuir ao relato resultados escolares que ele não produziu.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O trabalho caracteriza-se como relato reflexivo de abordagem qualitativa e caráter exploratório. Articula a rememoração das visitas pela autora a uma revisão bibliográfica narrativa sobre educação histórica, patrimônio e interculturalidade, além da consulta a páginas institucionais de contextualização dos lugares. A revisão não é sistemática nem pretende esgotar a produção sobre o tema. As referências foram selecionadas por sua relação com a leitura de fontes patrimoniais e com as possibilidades educativas do cotidiano.

O material experiencial corresponde às lembranças e percepções explicitadas pela autora na elaboração deste relato. Não foi constituído, durante as viagens, um protocolo de observação sistemática utilizado neste artigo. Tampouco se apresentam entrevistas, contagens de pessoas, diário de campo ou análise de depoimentos de moradores. Consequentemente, os episódios não permitem medir comportamentos nem caracterizar grupos sociais. Seu valor reside na formulação de questões e na reflexão sobre o processo de conhecer.

A discussão foi organizada em quatro eixos: temporalidades e interpretações do patrimônio no percurso espanhol; patrimônio e experiência cotidiana nas cidades marroquinas; paisagem e deslocamento no percurso até o Saara; e possibilidades de mediação no ensino de História. Em cada eixo, distingue-se o que foi relatado pela autora, o que recebe contextualização documental e o que constitui uma proposta analítica deste

ISSN: 2358-8829

texto. As descrições institucionais são utilizadas para situar os espaços, sem que sejam tomadas como explicações completas de sua história.

A autora não realizou aplicação em sala de aula, e o estudo não apresenta resultados de aprendizagem de estudantes, uma vez que ainda é estudante. Mas foi objeto de apresentação em uma aula da disciplina de didática nesse semestre na Universidade. Também não se atribuem significados às práticas observadas a partir de suposições sobre as intenções dos sujeitos. No caso das relações de gênero, os limites da experiência turística são parte da análise. A passagem pelo Saara é incluída a partir do itinerário confirmado, sem atribuir à autora contatos com comunidades, pernoites ou outras atividades que não foram descritas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A articulação entre experiência e conhecimento histórico exige distinguir a proximidade física com um vestígio da compreensão de seus significados. Ver um edifício não equivale a conhecer as circunstâncias de sua construção. Uma praça pode ser fotografada por sua beleza e também interrogada como expressão de escolhas políticas e de representações do passado. Neste artigo, propõe-se tomar a visita como ocasião para elaborar perguntas, que precisam ser examinadas com fontes e interpretações.

Schmidt e Garcia (2005), ao discutirem a formação da consciência histórica no cotidiano escolar, relacionam a renovação do ensino ao trabalho com documentos e experiências socialmente situadas. Sua análise permite pensar a aproximação entre história vivida e conhecimento histórico sem reduzir um ao outro. A referência à consciência histórica é mobilizada neste artigo para problematizar os sentidos atribuídos às relações entre passado e presente. Não se empregam instrumentos para diagnosticar ou classificar a consciência histórica da autora.

Pinto (2017) examina a interpretação de fontes patrimoniais em sua relação com identidade, interculturalidade e consciência histórica. Seu estudo contribui para compreender o patrimônio como material de investigação, cujo significado demanda trabalho interpretativo. A contribuição é pertinente a este relato porque permite formular uma exigência metodológica: o encontro com a diferença deve gerar perguntas fundamentadas, e não apenas uma coleção de imagens ou julgamentos imediatos.

O Iphan, em sua apresentação dos inventários participativos, destaca a identificação de referências culturais pelas próprias comunidades e seu protagonismo na organização

ISSN: 2358-8829

de conhecimentos sobre o patrimônio (Iphan, [s. d.]). Essa perspectiva ajuda a deslocar a atenção exclusiva aos monumentos e a reconhecer a importância dos usos sociais dos lugares. Também evidencia um limite do presente relato: a visitante observa, mas não substitui as interpretações das pessoas que habitam esses espaços.

Neste texto, turismo cultural designa, operacionalmente, experiências de visita em que o interesse pelos lugares inclui questões sobre história, patrimônio e práticas culturais. O conceito não implica que toda atividade turística seja educativa ou que todo visitante realize investigação. A possibilidade formativa depende do trabalho que transforma uma impressão em pergunta e confronta essa pergunta com diferentes evidências.

A interculturalidade é assumida como uma orientação de análise do encontro entre sujeitos com referências distintas. Isso requer reconhecer que o olhar da visitante possui uma história e critérios próprios. O estranhamento pode abrir uma investigação, mas pode também consolidar estereótipos se uma percepção parcial for convertida em descrição total de uma cultura. Assim, a reflexão proposta inclui o exame das expectativas da autora e dos limites das comparações que ela pode estabelecer

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados são de natureza interpretativa: consistem na organização e na problematização do relato à luz das referências consultadas. Não correspondem a efeitos mensurados da viagem sobre a aprendizagem. A discussão evidencia questões que podem orientar a formação histórica e a elaboração de atividades futuras.

O percurso em Sevilha e a leitura de diferentes temporalidades

O conjunto de visitas em Sevilha e seu entorno oferece a possibilidade de discutir espaços produzidos e transformados em diferentes períodos. O Alcázar, a Catedral, a Praça de Espanha e Itálica não pertencem a uma mesma temporalidade, embora possam integrar um único roteiro turístico. Essa proximidade no percurso não deve apagar as diferenças entre suas histórias. Uma análise educativa pode começar justamente pela distinção entre o tempo da visita e os tempos dos lugares.

A documentação da Unesco apresenta o Alcázar e a Catedral de Sevilha como partes de um conjunto marcado por sucessivas intervenções e pela presença de referências islâmicas e cristãs. A Giralda corresponde ao antigo minarete, posteriormente

ISSN: 2358-8829

transformado, e o Alcázar reúne construções e reconstruções de diferentes épocas (Unesco, [s. d.]a). Esses elementos permitem propor questões sobre mudanças de uso, permanências materiais e relações de poder. Não se presume, contudo, que a autora tenha identificado todas essas relações durante a visita.

A Praça de Espanha, construída para a Exposição Ibero-Americana de 1929, introduz outra temporalidade no percurso (Turespaña, [s. d.]). Sua inclusão permite perguntar como o século XX representou o passado e as identidades coletivas. Como proposta de investigação, seria possível examinar o contexto da exposição e as relações entre arquitetura, representação nacional e memória. O aprofundamento dessa questão exigiria fontes específicas sobre o evento, para além da informação institucional utilizada aqui.

Itálica, situada em Santiponce, amplia o recorte para o patrimônio arqueológico. A informação institucional da Junta de Andalucía identifica o conjunto como remanescente de uma cidade romana (Junta de Andalucía, [s. d.]). A visita pode suscitar uma pergunta distinta daquela dirigida a um edifício ainda em uso: como se produz conhecimento a partir de estruturas fragmentárias? Essa pergunta abre espaço para discutir evidência, lacunas e interpretação, sem tratar a ruína como acesso imediato e completo à vida de outra época.

A leitura conjunta desses lugares não precisa organizar uma sequência de civilizações que simplesmente se substituem. A proposta é examinar transformações e seleções: quais elementos foram preservados, quais usos foram modificados e como os visitantes recebem essas informações. Também convém distinguir o monumento de sua apresentação contemporânea. Placas, roteiros e materiais de divulgação orientam a visita e podem ser analisados como interpretações do passado. E soma-se a isso ao fato de terem sido palco para as gravações da série ficcional, Game of Thrones da HBO, o que suscita ainda maior interesse dos visitantes.

O potencial educativo desse eixo está, portanto, na passagem do reconhecimento visual para a construção de problemas. Uma fotografia do Alcázar, por exemplo, poderia ser acompanhada de perguntas sobre sua localização, datação e sucessivas intervenções. Esse exercício evitaria identificar formas semelhantes como prova suficiente de uma influência direta. As conexões entre lugares precisam ser demonstradas historicamente, e não deduzidas apenas da aparência.

ISSN: 2358-8829

Medinas e souks entre patrimônio e experiência cotidiana

Em Marrakech, a autora visitou a Mesquita Koutoubia, o Palácio da Bahia, a Medersa Ben Youssef, o Museu de Marrakech e o Palácio El Badi. Em Fez, o percurso incluiu a medina, que é conhecida como a maior medina do mundo, a Madrasa Al Attarine e o curtume Tanneray. Esses espaços ampliam o recorte para além dos monumentos palacianos e permitem formular questões sobre educação, religiosidade, memória e trabalho. A referência às visitas não pressupõe acesso ao interior de todos os edifícios mencionados.

A Unesco descreve a medina de Fez como um conjunto em que patrimônio urbano, práticas e saberes se articulam. Sua apresentação também registra referências andaluzas e africanas na formação arquitetônica da cidade. A descrição de Marrakech destaca sua trajetória como centro político e cultural e suas relações históricas com o norte da África e a Andaluzia. Essa contextualização permite formular questões sobre conexões regionais, sem reduzir cidades distintas a uma cultura uniforme.

A autora relatou desconforto com a insistência de algumas abordagens comerciais nas medinas. O incômodo descrito refere-se à persistência dos vendedores. Essa percepção pode ser tomada como ponto de partida para investigar as relações entre turismo, comércio e expectativas de interação, sem atribuir uma conduta uniforme aos comerciantes marroquinos.

O relato não dispõe de informações para explicar a motivação dos vendedores. A percepção de desconforto é um dado da experiência da visitante; a explicação social das abordagens exigiria outras fontes e perspectivas. Do mesmo modo, a passagem pelo curtume em Fez permite propor questões sobre trabalho e saberes, mas não oferece dados para caracterizar suas condições de produção ou a experiência de seus trabalhadores.

O potencial formativo aparece quando a autora retoma sua reação e pergunta o que a produziu. Que expectativas ela tinha sobre uma interação comercial? Quais elementos do contexto desconhecia? Que informações seriam necessárias para compreender melhor a situação? Essas perguntas não anulam o incômodo. Elas permitem reconhecê-lo e, simultaneamente, evitar que seja usado como explicação suficiente sobre as pessoas encontradas.

As visitas às madrasas Ben Youssef e Al Attarine permitem propor uma investigação sobre os espaços de ensino em seus contextos históricos. A experiência no

ISSN: 2358-8829

Museu de Marrakech pode, por sua vez, motivar perguntas sobre a seleção e a apresentação de objetos.

Ramadã e percepções sobre a presença feminina

A viagem ao Marrocos ocorreu durante o Ramadã. A autora relatou ter se preocupado em utilizar roupas que considerava adequadas, por respeito aos costumes locais. A informação registra uma escolha pessoal diante do contexto percebido. Não demonstra a existência de uma regra uniforme sobre a vestimenta de visitantes, nem permite avaliar como essa escolha foi recebida pelas pessoas com quem interagiu. A autora utilizou um kaftan, um vestido comum das mulheres. A experiência pode ser relacionada à preocupação, já mencionada, com o respeito aos espaços visitados. Não se afirma que a peça tenha sido obrigatória ou fornecida pelos lugares visitados. O episódio permite incluir na reflexão a própria participação da visitante: além de observar outras práticas, ela faz escolhas sobre como se apresentar e circular em espaços religiosos.

As roupas das mulheres chamaram sua atenção e foram inicialmente descritas por ela como restritas. Na análise, essa expressão precisa ser reconhecida como uma avaliação situada, construída a partir de suas referências habituais. A observação das peças utilizadas, por si só, não permite concluir se eram vividas como escolha, imposição, pertencimento religioso ou combinação de fatores. O relato não dispõe de depoimentos das mulheres observadas para responder a essas questões.

A autora percebeu ainda menos mulheres do que homens nas ruas por onde circulou e relatou situações em que mulheres acompanhadas caminhavam atrás de homens. Essas lembranças não resultam de contagem nem de acompanhamento sistemático. Não é possível estabelecer, a partir delas, uma proporção de presença feminina ou uma norma geral de circulação. A formulação adequada é que essa diferença foi percebida nos espaços e momentos de seu percurso.

Tampouco a posição ao caminhar esclarece, isoladamente, a relação entre as pessoas observadas ou a autonomia das mulheres. O artigo preserva a observação, mas suspende a conclusão sobre seu significado. O Ramadã integra o contexto da viagem; não há elementos, neste material, para afirmar que ele explique a distribuição de pessoas nas ruas ou os comportamentos relatados.

Esse cuidado não impede discutir desigualdades de gênero. Ele indica que uma análise consistente precisa ampliar suas fontes, incluindo pesquisas específicas e interpretações de mulheres marroquinas. No estágio atual, a contribuição do relato está

ISSN: 2358-8829

em identificar perguntas sobre presença feminina, vestimentas e usos do espaço público, sem apresentar respostas que a experiência individual não sustenta.

A reflexão também se dirige à posição da própria autora. A condição de mulher, turista brasileira e estudante de História participa das questões que ela formula. Reconhecer essa posição permite explicitar de onde vem seu olhar. A diferença cultural deixa, assim, de ser apresentada como uma característica apenas das pessoas visitadas e passa a ser examinada na relação entre suas referências e as da visitante.

Do Alto Atlas a Erg Chebbi a paisagem como questão histórica

A passagem pelo Saara integrou um percurso de van iniciado em Marrakech, com passagem pelo Alto Atlas, por Aït Ben Haddou, na região de Ouarzazate, e pelas Gargantas do Todgha, até Erg Chebbi. O itinerário amplia o artigo para além dos espaços urbanos: o deslocamento também pode ser interrogado como experiência de conhecimento, considerando os lugares atravessados e as perguntas que sua contextualização permite formular.

Aït Ben Haddou oferece uma conexão entre paisagem, arquitetura e história. A Unesco caracteriza seu ksar como um conjunto de construções em terra protegido por muralhas e registra sua participação em uma antiga rota comercial que ligava o espaço subsaariano a Marrakech (Unesco, [s. d.]d). Essa informação permite propor uma investigação sobre habitação e circulação. Não se equipara o trajeto turístico da autora às rotas históricas, cuja identificação exige fontes específicas.

A inclusão das Gargantas do Todgha e de Erg Chebbi permite perguntar como paisagens são descritas e apresentadas ao visitante. No ensino de História, mapas e documentos poderiam ajudar a relacionar território, deslocamentos e formas de ocupação. O deserto não precisa aparecer apenas como cenário: pode integrar uma investigação sobre as relações entre sociedades e ambientes. Esse é um desdobramento proposto pelo artigo, sem pressupor que tenha sido elaborado pela autora durante o passeio.

Possibilidades de mediação no ensino de História

As experiências discutidas podem subsidiar propostas educativas, desde que a passagem do relato para a atividade escolar seja planejada. Uma possibilidade consiste em organizar fotografias e descrições de lugares com diferentes temporalidades. O primeiro momento seria dedicado ao que se vê; o segundo, ao que se supõe; e o terceiro,

ISSN: 2358-8829

às fontes necessárias para verificar as suposições. Trata-se de uma proposta deste artigo, ainda não aplicada.

O percurso em Sevilha poderia fundamentar uma atividade comparativa entre sítio arqueológico, edifício transformado ao longo do tempo e espaço construído para representar uma identidade coletiva. A tarefa não seria apenas localizar datas, mas explicar o que cada fonte permite conhecer e o que permanece em aberto. Os estudantes poderiam revisar uma interpretação inicial depois de consultar documentos e informações de procedências identificadas.

O relato das medinas poderia orientar uma discussão sobre a diferença entre observar e generalizar. Uma descrição como havia menos mulheres nos espaços percorridos seria confrontada com conclusões mais amplas, perguntando quais evidências faltam para sustentá-las. Para aprofundar o tema, seria necessário selecionar materiais produzidos por pesquisadoras e sujeitos locais. A atividade deveria preservar o direito de relatar desconfortos e, ao mesmo tempo, exigir cuidado na explicação de outras realidades sociais.

Esses exercícios podem ser realizados com espaços próximos à escola. Uma praça, um mercado, uma estação ou um edifício religioso permitem investigar mudanças de uso, memórias e formas de circulação. O deslocamento internacional não constitui condição para o desenvolvimento da proposta. A referência aos inventários participativos reforça a possibilidade de reconhecer patrimônios a partir das experiências das comunidades, sem limitar a investigação aos lugares consagrados pelo turismo.

O itinerário até o Saara também poderia subsidiar uma atividade cartográfica: localizar os pontos visitados e comparar o percurso contemporâneo com mapas de circulação histórica, utilizando documentação própria para cada período. A proposta favoreceria a distinção entre deslocamento turístico e processos históricos, articulando paisagens, fontes e mudanças no uso do território.

Uma eventual avaliação poderia considerar a capacidade de identificar fontes, contextualizar os espaços, distinguir descrição de inferência e revisar explicações. Esses critérios são sugestões para um estudo futuro. Como não houve intervenção escolar, o presente artigo não afirma que as atividades aumentariam o interesse ou melhorariam a aprendizagem. Sua contribuição é apresentar um caminho de elaboração didática a partir de questões produzidas pela experiência.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato permitiu organizar experiências de viagem como questões pertinentes à formação histórica da autora. As visitas em Sevilha e seu entorno ofereceram um recorte para discutir temporalidades e interpretações do patrimônio. O roteiro marroquino ampliou a reflexão para espaços religiosos, educativos, de trabalho e de memória em Marrakech e Fez. O percurso até Erg Chebbi incluiu a paisagem e o deslocamento na discussão, relacionando a viagem a perguntas sobre território, habitação e circulação.

A análise indica, como argumento interpretativo, que o potencial educativo da viagem depende do trabalho realizado sobre a experiência. A observação pode adquirir densidade histórica quando é contextualizada, confrontada com fontes e examinada em seus limites. O estranhamento cultural pode participar desse processo, desde que a reação da visitante não seja convertida em descrição geral de uma sociedade.

No caso das percepções sobre mulheres no Marrocos, a principal conclusão metodológica é a necessidade de distinguir o que foi observado dos significados atribuídos à observação. As vestimentas, a presença nas ruas e a posição ao caminhar suscitaram perguntas, mas não fornecem explicações suficientes sobre as relações de gênero. O aprofundamento demandaria documentação específica e interlocução com perspectivas locais.

O estudo tem como limites a natureza retrospectiva do relato, a ausência de observação sistemática e a inexistência de intervenção escolar. Não demonstra desenvolvimento de consciência histórica nem resultados de aprendizagem. Oferece uma reflexão exploratória e propostas que poderão ser discutidas, adaptadas e avaliadas em outros trabalhos.

As possibilidades sugeridas valorizam a investigação de fotografias, documentos e espaços locais, permitindo que a discussão ultrapasse a experiência individual e não dependa de viagens internacionais. Dessa forma, o turismo cultural pode contribuir para a elaboração de perguntas no ensino de História, em uma prática que associe atenção ao patrimônio, responsabilidade interpretativa e abertura à revisão dos próprios pressupostos.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Inventários participativos. Brasília, DF: Iphan, [s. d.]. Disponível em: https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/educacao-patrimonial/inventarios-participativos. Acesso em: 25 out. 2026.

JUNTA DE ANDALUCÍA. Conjunto Arqueológico de Itálica. [S. l.]: Junta de Andalucía, [s. d.]. Disponível em: https://www.juntadeandalucia.es/cultura/agendaculturaldeandalucia/espacios/conjunto-arqueologico-de-italica. Acesso em: 25 out. 2026.

PINTO, Helena. A interculturalidade em Educação Patrimonial: desafios e contributos para o ensino de História. Educar em Revista, Curitiba, v. 33, n. 63, p. 205-220, jan./mar. 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/0104-4060.48650.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. Cadernos CEDES, Campinas, v. 25, n. 67, 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000300003.

TURESPAÑA. Plaza de España en Sevilla. [S. l.]: Spain.info, [s. d.]. Disponível em: https://www.spain.info/es/lugares-interes/plaza-espana-sevilla/. Acesso em: 25 out. 2026.

UNESCO. Cathedral, Alcázar and Archivo de Indias in Seville. Paris: UNESCO World Heritage Centre, [s. d.]a. Disponível em: https://whc.unesco.org/en/list/383/. Acesso em: 25 out. 2026.

UNESCO. Medina of Fez. Paris: UNESCO World Heritage Centre, [s. d.]b. Disponível em: https://whc.unesco.org/en/list/170/. Acesso em: 25 out. 2026.

UNESCO. Medina of Marrakesh. Paris: UNESCO World Heritage Centre, [s. d.]c. Disponível em: https://whc.unesco.org/en/list/331/. Acesso em: 25 out. 2026.

UNESCO. Ksar of Ait-Ben-Haddou. Paris: UNESCO World Heritage Centre, [s. d.]d. Disponível em: https://whc.unesco.org/en/list/444/. Acesso em: 28 out. 2026.